

BJIR

Brazilian Journal of International Relations

Edição Quadrimestral | volume 1 | edição nº 2 | 2012

Guerra

Ralph Waldo Emerson

 **Igepri**
Instituto de Gestão Pública e
Relações Internacionais

 **unesp**
Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho"

*A Brazilian Journal Of International Relations (BJIR) está indexada no International Political Science Abstracts (IPSA),
EBSCO Publishing e Latindex*

Guerra*

Ralph Waldo Emerson

O arcanjo Esperança

Olha para a abóbada azul-celeste

Espera através de eras negras pela manhã

Derrotada dia após dia, mas nascida em Vitória.²

Resumo: O texto traz uma visão histórica da guerra, mas do ponto de vista da diminuição dos conflitos no tempo e da busca pela paz. Segundo o autor, a tendência à guerra é gradualmente substituída pela tendência à paz, na medida da evolução e do amadurecimento do homem, que aos poucos abandona o instinto primitivo de autopreservação, que é a verdadeira função da guerra. Esse instinto de guerra pode ser mitigado por outros instintos, que podem modificá-lo ou controlá-lo e, até mesmo, domá-lo por completo. Além disso, o sentimento de moral, o comércio e o esclarecimento são outros meios para se chegar à paz, pois o primeiro faz perceber o lado animalesco do conflito; o segundo as semelhanças entre as pessoas; e o terceiro dá o conhecimento ao homem de que a história é o registro da diminuição da guerra. Dessa forma, com a promoção desses três elementos, os homens seriam levados a buscar a paz e evitar a guerra. Por fim, o projeto de paz deve ser feito por cada homem em particular, uma vez que a conquista do instinto de guerra é própria de cada pessoa.

Palavras-chaves: *Projeto de Paz; Guerra e Paz; Natureza Humana.*

* Publicado em 1909. Texto extraído de: *The Works of Ralph Waldo Emerson, vol. 11 (Miscellanies)*. Tradutor: Marcos Ribeiro Balieiro (UFS). O texto original se encontra em <http://perpetualpeaceproject.org/resources/emerson.php>.

² The archangel Hope / Looks to the azure cope, / Waits through dark ages for the morn, / Defeated day by day, but unto Victory born.

War

Abstract: The text provides a historic vision of (the) war, but focusing on the reduction of conflicts through time and the pursuit for peace. According to the author, the trend of war is gradually replaced by the trend toward peace as the mankind evolves and matures, that slowly leaves its primitive instincts of autopreservation, at which is the true function of war. This instinct of war might be mitigated by others instincts, that may modify or control and even completely tame it. Futhermore, the moral feeling, the trade system and the enlightenment are either means to reach peace, since the first enables the perception of the animalistic side of conflict, the second enables the people's resemblances, and the third provides mankind the knowlegde that history is the registry of the decreasing of war. In that way, promoting these three elements, the mankind would be lead to seek peace and avoid war. At the end, the peace project should be done by the individual in particular, since the instintict of war is conquered by every person itself.

Keywords: *Peace Project; War and Peace; Human Nature.*

Um dos estudos favoritos da filosofia moderna consistiu em indicar os passos do progresso humano, observar o surgimento de um pensamento na mente humana, a comunicação dele para alguns, depois para uma pequena minoria, sua expansão e sua recepção geral, até que ele se tornasse público no mundo pela destruição das leis e das instituições existentes, e pela geração de novas. Quando observadas dessa maneira geral e histórica, muitas coisas apresentam uma face diferente daquela que mostram quando aparecem muito próximas, e uma de cada vez – e, particularmente, a Guerra. A Guerra, que para os homens são do presente começa a parecer uma insanidade epidêmica, irrompendo aqui e ali como a cólera ou a gripe, infectando os cérebros dos homens em vez de suas entranhas – quanto vista no passado remoto, na infância da sociedade, parece parte da conexão dos eventos e, na posição que ocupa, necessária.

Desde que a história passou a preservar para nós os desdobramentos vagarosos de qualquer tribo selvagem, não é fácil ver de que modo a guerra poderia ser evitada por criaturas tão selvagens, passionais, necessitadas, desgovernadas e de corpos tão fortes. Pois na infância da sociedade, quando uma população escassa e a falta de providência tornam o suprimento de comida e de abrigo insuficiente e muito precário, e quando fome, sede, febre e membros congelados têm precedência universal sobre as necessidades da mente e do coração, as necessidades dos fortes certamente serão satisfeitas às custas dos fracos, qualquer que seja o perigo, ou a vingança futura. É evidente, também, que, nas primeiras auroras do sentimento religioso, *este* se mistura às paixões dos homens, e é óleo para a chama. Não apenas toda tribo tem deuses da guerra e festivais religiosos que acompanham a vitória, mas *guerras religiosas*.

O estudante da história aquiesce mais prontamente com esse copioso banho de sangue dos anais antigos, e também com o banho de sangue em nome de Deus, quando aprende que esse é um estado temporário e preparatório, que faz avançar ativamente a cultura do homem. A Guerra educa os sentidos, chama a vontade à ação, aperfeiçoa a constituição física, faz com que os homens colidam intensamente em momentos críticos, de modo que um homem avalia o outro. Por suas próprias medidas, pelas virtudes que ama, a guerra não suporta fingimentos, mas sacode toda a sociedade até que cada átomo caia no lugar que sua gravidade específica lhe assinala. Ela desvela prontamente o valor do bom senso e da capacidade de previsão, e Ulisses ocupa uma posição próxima à de Aquiles³. Os líderes, homens escolhidos, dotados de coragem e de vigor testados e aumentados em cinquenta batalhas, anseiam por se destacar

³ Protagonistas, respectivamente, da *Odisseia* e da *Ilíada*, poemas épicos atribuídos a Homero [NT].

acima dos outros por novos méritos, tais como clemência, hospitalidade, esplendor em suas vidas. O povo imita seus chefes. A tribo forte, em que a guerra se tornou uma arte, ataca e conquista suas vizinhas, e ensina-lhes suas artes e suas virtudes. O novo território, o número aumentado de pessoas e os interesses expandidos clamam por novas virtudes e habilidades, e a tribo empreende passos longos. E, finalmente, quando muito progresso foi feito, todos os seus segredos de sabedoria e arte são disseminados por suas invasões. Plutarco⁴, no ensaio “Da Fortuna de Alexandre”, considera a invasão e a conquista do Oriente por Alexandre como uma das páginas mais fulgurantes e agradáveis da história; e deve-se reconhecer que ele dá boas razões para sua opinião. A guerra foi o efeito da união, em torno de um grande interesse, das repúblicas divididas da Grécia, e da injeção de um espírito público mais extenso nos conselhos de seus estadistas. Ela levou as artes, a linguagem e a filosofia dos gregos às preguiçosas nações bárbaras da Pérsia, da Assíria e da Índia. Introduziu as artes do cultivo da terra em tribos de caçadores e pastores. Enfraqueceu, entre os Citas e os Persas, algumas práticas cruéis e licenciosas, o que os levou a uma forma de vida mais civil. Introduziu a santidade do matrimônio entre eles. Construiu setenta cidades, e semeou os costumes e as leis humanitárias dos gregos pela Ásia, e uniu nações hostis sob um único código. Ela fez com que famílias diferentes da raça humana se juntassem – aos golpes em princípio, mas depois na trégua, no comércio e no casamento entre elas. Seria fácil mostrar benefícios análogos que resultaram de movimentos militares de eras mais recentes.

Considerações desse tipo nos levam a uma concepção verdadeira da natureza e da função da guerra. Vemos que ela é o tema de toda a história; que ela foi o principal emprego dos homens mais conspícuos; que ela é, neste momento, o deleite de metade do mundo, de quase todas as pessoas jovens e ignorantes; que é exibida para nós continuamente na mostra tola da natureza animalesca, em que a guerra entre tribos, e entre indivíduos de uma mesma tribo, continua perpetuamente. O microscópio revela a carnificina em miniatura em corpúsculos e em mordedores infinitamente pequenos que nadam e lutam em uma gota iluminada de água; e esse pequeno globo é apenas uma miniatura bastante fiel do grande.

O que significa toda essa guerra, que ocorre já nas raças mais inferiores e chega até o homem? Não é evidente que ela encobre um princípio grandioso e benéfico que a natureza guardava no fundo de seu coração? Qual será esse princípio? É a autopreservação. A natureza implanta, juntamente com a vida, o instinto de autopreservação, uma perpétua luta pela existência, para resistir à oposição, para preservar a liberdade, para preservar um domínio e

⁴ Historiador e biógrafo grego, nascido em 46 e morto em 120AD. [NT]

uma segurança de um ser permanente e que defende a si próprio; e para cada criatura esses objetos são tornados tão caros que ela arrisca sua vida continuamente na luta por esses fins.

Mas ainda que esse princípio esteja necessariamente imbricado na constituição de todas as criaturas, ele é, ainda assim, apenas *um* instinto. E mesmo que seja um instinto primário, ou, poderíamos dizer, o primeiro de todos, ainda assim o surgimento de outros instintos imediatamente o modifica e o controla; desvia suas energias para cursos inofensivos, úteis e elevados, mostrando então que esse era seu desígnio último; e, finalmente, extrai suas presas. O instinto de autopreservação se desdobra muito cedo na forma grosseira e meramente animalasca da guerra, com a infância e a imbecilidade dos outros instintos, e continua nessa forma até o desenvolvimento deles. É a parte ignorante e infantil da humanidade que é belicosa. Mentos ociosas e vazias pedem excitação, do mesmo modo que todo garoto mata gatos. Touradas, rinhas de galos e o ringue do boxeador são o divertimento daquela parte da sociedade em que apenas a natureza animal foi desenvolvida. Em algumas partes deste país, nas quais as faculdades intelectuais e morais mal foram cultivadas, o tópico que domina toda a conversação é o espancamento: quem brigou, e quem espancou? Em homens, meninos ou bestas, a única qualidade que tem grande interesse para aqueles que conversam é a combatividade. E por quê? Porque o falante não tem ainda outra imagem de atividade e virtude viril, nenhuma imagem de resistência, nem de perseverança, nem de caridade, nem de preservação da verdade. Coloque-o em um círculo de homens cultivados, nos quais a conversação se embrenha nas grandes questões que cercam a razão humana, e ele ficará mudo e infeliz, como um indiano em uma igreja.

Para homens de um espírito calmo e maduro, nos quais estão presentes qualquer conhecimento ou atividade mental, os detalhes da batalha tornam-se insuportavelmente tediosos e revoltantes. É como a conversa de um desses monomaníacos que por vezes encontramos na sociedade, que só conversam sobre cavalos; e Fontenelle⁵ expressou uma grande quantidade de significado quando disse “Eu odeio a guerra, pois ela estraga a conversação”.

⁵ Escritor francês (1657-1757). Autor do *Ensaio sobre a pluralidade dos mundos*. Sua obra exerceu influência sobre vários filósofos modernos, como, por exemplo, Diderot e Voltaire. [NT]

Nada é mais evidente que o fato de a simpatia com a guerra ser um estado juvenil e temporário. Não apenas o sentimento moral⁶, mas o comércio, o aprendizado e o que quer que favoreça as relações humanas conspiram para abatê-la. O comércio, como sabem todos os homens, é o antagonista da guerra. Onde quer que não haja propriedade, as pessoas enchem de pão suas sacolas, mas o comércio é instantaneamente posto em risco e destruído. E, além disso, o comércio faz com que os homens olhem diretamente para o rosto uns dos outros, e dá a todas as partes o conhecimento de que os inimigos além do mar ou sobre a montanha são homens como nós, que riem e sofrem, que amam e temem, como nós. E o aprendizado e a arte, e especialmente a religião, tecem laços que fazem com que a guerra pareça fratricídio, como ela, de fato, é. E do mesmo modo que, como dissemos, toda a história é um retrato da guerra, não é menos verdade que ela é o registro da mitigação e do declínio da guerra. No início dos séculos XI e XII, as cidades italianas tinham se tornado tão populosas e fortes que forçaram a nobreza rural a dismantelar seus castelos, que eram alcovas de crueldade, e vir residir nas cidades. Os papas, para sua eterna honra, declararam jubileus religiosos, durante os quais todas as hostilidades foram suspensas em todo o mundo cristão, e os homens tiveram espaço para respirar. O aumento da civilidade aboliu o uso do veneno e da tortura, que antes eram considerados tão necessários quanto são as marinhas hoje. E, finalmente, a arte da guerra, com a pólvora e com táticas, fez, como sabem todos os homens, com que as batalhas se tornassem menos frequentes e menos mortíferas.

Por todos esses meios, a guerra tem declinado firmemente, e lemos com espanto a respeito das lutas bestiais dos velhos tempos. No tempo de Elizabeth, saindo das águas europeias, a pirataria era praticamente universal. O provérbio dizia: “Não há paz além da linha”, e os marinheiros navegavam segundo a barganha dos bucaneiros, “Sem presa, sem pagamento”⁷. O celebrado Cavendish⁸, que em seu tempo foi considerado um bom cristão, escreveu o seguinte ao Lorde Hunsdon, em seu retorno de uma viagem ao redor do mundo: “Setembro de 1588. Agradou ao Deus Todo Poderoso permitir que eu desse a volta ao redor de todo o globo do mundo, iniciando pelo Estreito de Magalhães e retornando pelo Cabo da Boa Esperança. Nessa viagem, eu ou descobri ou trouxe algum conhecimento sobre todos os lugares opulentos do mundo que já foram descobertos por qualquer cristão. Eu naveguei ao

⁶ A ideia de que os fundamentos da moralidade consistiriam não exatamente na razão, mas em um sentimento ou em um sentido interno, foi desenvolvida por uma série de autores britânicos do Séc. XVIII, tais como Shaftesbury, Hutcheson e Hume. [NT]

⁷ Trata-se de um dito comumente empregado pelos piratas, que, à época, faziam uso de uma série de expressões que eram características deles. [NT]

⁸ Thomas Cavendish (1560-1592), renomado almirante inglês. Foi sagrado cavaleiro por Elizabeth I. [NT]

longo da costa do Chile, do Peru e da Nova Espanha, *onde consegui grandes espólios. Eu queimei e afundei dezenove navios, pequenos e grandes. Todas as vilas e cidades em que desembarquei, eu queimei e saqueei*. E se eu não tivesse sido descoberto na costa, eu teria tomado uma grande quantidade de tesouros. O objeto de maior lucro para mim seria um grande navio do rei, que eu capturei na Califórnia” etc. E o bom Cavendish piamente começa esse relato com “Agradou ao Deus Todo Poderoso”.

De fato, nossos anais americanos preservaram os vestígios de embates bárbaros até tempos mais recentes. Eu li, na *História do Maine* de Williams, que “Assacombuit, o Sagamore da tribo Anagunti-cook, era notável por sua torpeza e sua ferocidade, que superavam a de todos os outros índios conhecidos, e que, em 1705, Vaudreuil o enviou à França, onde ele foi apresentado ao rei. Quando ele apareceu na corte, ele ergueu sua mão e disse: ‘Esta mão matou cento e cinquenta dos inimigos de sua majestade nos territórios da Nova Inglaterra’. Isso agradou tanto ao rei que ele o tornou um cavaleiro e lhe concedeu uma pensão de oito *livres* por dia por toda a vida”. Essa pessoa valiosa, ao retornar para a América, passou a matar seus próprios vizinhos e familiares com tal apetite que sua tribo se uniu contra ele, e o teria matado se ele não tivesse fugido de seu país para sempre.

Os sentimentos de escândalo que temos diante de tais fatos certamente mostram que avançamos um pouco. Toda a história é o declínio da guerra, ainda que seja um declínio lento. Tudo que a sociedade conquistou até o momento foi a mitigação. A doutrina do direito da guerra ainda permanece.

Por eras (pois ideias funcionam em eras, e animam vastas sociedades de homens), a raça humana continuou sob a tirania – chamá-la ei assim? – dessa forma bruta de seus esforços para ser homens, ou seja, por eras ela compartilhou muito da natureza dos animais inferiores, o tigre e o tubarão, e os selvagens da gota d’água. Ela quase esgotou todo o bem e todo o mal dessa forma: ela quase se agarrou tão firmemente a essa degradação quanto seu pior inimigo poderia desejar. Mas todas as coisas têm um fim, e também essa. A eterna germinação do que é melhor desdobrou novos poderes, novos instintos, que foram realmente ocultados sob essa crosta áspera e abjeta. Uma questão sublime alarmou uma ou outra alma feliz em diferentes partes do globo: não poderia o amor existir, bem como o ódio? Não serviria o amor ao mesmo fim, ou talvez a um melhor? Não poderia a paz existir, assim como a guerra?

Esse pensamento não foi inventado por ninguém, nem por St. Pierre nem por Rousseau⁹, mas foi a elevação da maré geral da alma humana – e se elevou ao ponto mais alto, e tornou-se visível pela primeira vez, nas almas mais simples e puras, que, portanto, anunciaram-no para nós de antemão, mas atualmente todos o vemos. Tornou-se, agora, distinto a ponto de ser um pensamento social: sociedades podem ser formadas com base nele. Ele é exposto, ilustrado, definido, com diferentes graus de clareza; e sua atualização, ou as avaliações que ele deveria inspirar, são previstas de acordo com o esclarecimento de cada um que o vê.

A própria ideia define esta época: o fato de ela ter se tornado tão distinta para qualquer grupo pequeno de pessoas, de modo a se tornar objeto de oração e de esperança, de acordo e de discussão – *esse* é o fato que se impõe. Isso tendo ocorrido, muito mais se seguirá. Revoluções não voltam para trás. Uma vez que a estrela desponta, ainda que apenas um homem no hemisfério tenha visto sua parte superior no horizonte, ela se elevará cada vez mais, até que esteja visível para outros homens, para multidões, e suba até o zênite de todos os olhos. Desse modo, a questão de quanto tempo os homens levarão para acreditar no advento da paz não é relevante: a guerra está em seus últimos tempos, e uma paz universal é tão certa quanto a prevalência da civilização sobre a barbárie, a do governo liberal sobre formas feudais. A questão, para nós, é *quão logo?*

É bastante natural que o projeto da paz pareça visionário para um grande número de pessoas sensatas, que pareça até mesmo risível para várias, que pareça, para os sérios e para os de boa natureza, complicado por imensas dificuldades práticas. “Essa sua sociedade é pobre e tediosa”, dizem, “ não vemos que bem pode surgir dela. Paz! Ora, estamos todos em paz agora. Mas se uma nação estrangeira licenciosamente insultasse ou saqueasse nosso comércio, ou se, pior ainda, desembarcasse em nossas praias para roubar e matar, você esperaria que esperássemos sentados enquanto estivéssemos sendo roubados e mortos? Você confunde as épocas, superestima a virtude do homem. Você esquece que a quietude que impera agora em cidades e fazendas, que permite que os vagões viajem sem guarda, e que a casa de fazenda permaneça destrancada, depende da perfeita compreensão, por parte de todos homens, de que o mosquete, o garrote e a cadeia estão à espera, prontos para punir qualquer um que a perturbe. Todos admitem que essa seria a melhor política se o mundo todo fosse

⁹ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo francês bastante conhecido por seus escritos políticos, escreveu comentários sobre o *Projeto para tornar perpétua a paz na Europa*, do Abade St. Pierre (1658-1743). [NT]

uma igreja, se todos os homens fossem como os melhores homens, se todos concordassem em aceitar essa regra. Mas é absurdo que uma única nação tente segui-la sozinha”.

Em primeiro lugar, respondemos que nunca levamos muito em conta objeções que dizem respeito simplesmente ao estado real do mundo neste momento, mas que admitem a efetividade geral e a excelência permanente do projeto. O que é melhor deve ser verdadeiro, e o que é verdadeiro – ou seja, o que no fundo é apropriado e agradável para a constituição do homem – deve por fim prevalecer sobre toda obstrução ou oposição. Não há nenhum bem atualmente desfrutado pela sociedade que não tenha, em outros tempos, sido tão problemático e visionário quanto esse. A tendência do verdadeiro interesse do homem é tornar-se seu desejo e seu firme objetivo.

Mas, além disso, uma lição que toda a história ensina aos homens é depositar confiança em ideias, e não em circunstâncias. Todos crescemos com a visão de fragatas e estaleiros, de fortes armados e ilhas, de arsenais e milícias. A referência a qualquer registro estrangeiro nos informará dos milhares, ou milhões, de homens que estão, neste momento, prontos para a batalha no vasto sistema colonial do império britânico, da Rússia, da Áustria e da França, e qualquer um se assustará ao descobrir a que custo a paz no globo é mantida. Esse vasto aparato de artilharia, de frotas, de bastiões de pedra e trincheiras e barragens, essa patrulha incessante das sentinelas, esse agitar de bandeiras nacionais, esses tiros para despertar e para a noite, essa música marcial e o tocar incessante de marchas e de canções militares e navais parecem constituir, para nós, uma realidade impositiva, que não cederá, ao longo dos séculos, às vozes fracas e deprecatórias de um punhado de amigos da paz.

Assim, somos sempre intimidados pelas aparências, sem ver que todo o seu valor jaz, no fundo, em um estado mental. Na verdade, é um pensamento que constrói essa instituição portentosa da guerra, e um pensamento também a dissolverá. Toda nação e todo homem instantaneamente se cercam com um aparato material que corresponde exatamente a seu estado moral, ou ao estado de seus pensamentos. Observem como toda verdade, e todo temor, cada qual um *pensamento* da mente de algum homem, cobre-se com sociedades, casas, cidades, linguagem, cerimônias, jornais. Observem as ideias do tempo presente – ortodoxia, ceticismo, missões, educação popular, temperança, antimaçonaria, antiescravagismo –, vejam como cada uma dessas abstrações se incorporou em um aparato imponente no interior da comunidade, e como a madeira, o tijolo, a cal e a pedra tomaram formas convenientes, obedientes à ideia mestra que reina nas mentes de muitas pessoas.

Vocês ouvirão, algum dia, algo sobre uma fantasia selvagem que um homem tem em seu cérebro sobre o dano causado por juramentos secretos. Volte um ou dois anos depois e você verá que ela construiu grandes casas de madeira sólida e tijolo e cimento. Você verá cem imprensas imprimindo mil folhas, você verá homens e cavalos e rodas que andam e correm por essa ideia; esse grande corpo executando, assim, o pensamento selvagem daquele único homem. Isso acontece diariamente, anualmente à nossa volta, com meios pensamentos, frequentemente com mentiras frívolas, opiniões políticas e especulações. Bem cuidados, eles durarão três ou quatro anos antes de se reduzirem a nada. Mas quando uma verdade aparecer – como quando, por exemplo, uma percepção, no espírito de Colombo, de que há terra no mar do ocidente, ainda que apenas ele entre todos os homens tivesse esse pensamento, e todos zombassem -, ela construirá navios, construirá esquadras, moverá metade da Espanha e metade da Inglaterra, ela levará a uma colônia, a um estado, a nações e a metade de um globo, e os encherá de homens.

Sempre nos cercamos, de acordo com nossa liberdade e nossa habilidade, com verdadeiras imagens de nós mesmos nas coisas, sejam elas navios, ou livros, ou canhões, ou igrejas. O exército em posição, o arsenal, o campo e a força não pertencem ao homem. Eles apenas servem como um indicador que mostra onde o homem está no momento, o temperamento mau e indomado que ele tem, que vizinho horrível ele é, como suas afecções são mancadas, quão baixas são suas esperanças. Aquele que ama as cerdas das baionetas somente vê em seu brilho o que ele antes já sentia em seu coração. A avareza e o ódio, o lábio trêmulo, aquele olhar frio e odioso que constrói depósitos de munição.

Segue-se, é claro, que a menor mudança no homem mudará as circunstâncias, de modo que, no caso da menor expansão de suas ideias, da menor mitigação de seus sentimentos com respeito a outros homens – se, por exemplo, ele puder ser inspirado com uma amabilidade terna pelas almas dos homens, e vier a sentir que todos os homens são um outro eu com o qual ele poderia se unir, do mesmo modo que ocorre com a mão direita e a esquerda –, todo grau de ascendência desse sentimento causaria as mudanças mais admiráveis nas coisas exteriores: as tendas seriam derrubadas, os homens de armas apodreceriam nas praias, as armas enferrujariam, os canhões se tornariam postes de rua, os piques, o arpão de um pescador, o regimento em marcha seria uma caravana de imigrantes, pioneiros *pacíficos* nas fontes do Wabash e do Missouri. E assim deve ser, e será: a baioneta e a espada devem primeiramente recuar um pouco de sua proeminência ostentosa e, então, esconder-se, como faz hoje em dia o garrote do xerife, e chamar a atenção apenas de parentes e amigos; e então, por fim, devem

ser transferidas para os museus de curiosidades, como acontece com as ferramentas de envenenamento e de tortura hoje em dia.

Guerra e paz, assim, se dissipam em algo como um mercúrio do estado de cultivo humano. Em um certo estado de seu progresso, o homem luta, se ele tiver corpo e mente saudáveis. Em certo estado mais elevado, ele não faz demonstrações ofensivas, mas está alerta para reagir à injúria, e tem um coração imbatível. Em um estado ainda mais elevado, ele adentra a região da santidade, a paixão se afastou dele, sua natureza guerreira foi completamente convertida em um princípio ativo medicinal, ele se sacrifica, e aceita com alacridade tarefas exaustivas de privação e caridade, mas, ao ser atacado, ele tolera a agressão e oferece a outra face, como alguém que se dedica, por meio de seu ser, não mais ao serviço de um indivíduo, mas à alma comum de todos os homens.

Desde que a questão da paz foi considerada pela mente pública, aqueles que afirmam o seu direito e a sua eficácia naturalmente encontraram objeções mais ou menos pesadas. Há casos frequentemente apresentados pelos curiosos – problemas morais, como aqueles problemas de aritmética com cuja decifração os rudes, em longas noites de inverno, testam a dureza de suas cabeças. E principalmente se diz: aceite esse princípio para o bem ou para o mal, considere-o até o fim e descubra o absurdo de suas consequências, ou então, se você pretende estabelecer um limite arbitrário, um “até aqui, não além”, então desista desse princípio, e aceite o limite que o senso comum de toda a humanidade estabeleceu, e que distingue a guerra ofensiva como criminosa e a defensiva, como justa. Por outro lado, se você não aceitar guerra alguma, então seja consistente e desista da autodefesa na estrada, e na sua própria casa. Você expandiria tanto o argumento? Você se agarraria ao seu princípio de não resistência se sua caixa forte fosse arrombada, se sua esposa e seus bebês fossem insultados e massacrados à sua vista? Se você disser que sim, simplesmente convidará o ladrão e o assassino, e alguns desesperados sanguinários que promoveriam a carnificina dos bons.

Em resposta a essa acusação de absurdo da doutrina da paz extrema, como teria sido mostrado por suas supostas consequências, eu gostaria de dizer que tais deduções consideram apenas metade dos fatos. Elas levam em conta apenas o lado passivo do amigo da paz, apenas sua passividade; elas omitem em grande parte sua atividade. Mas não se pode presumir que qualquer homem já abraçou a causa da paz e da filantropia com o único fim e a única satisfação de ser saqueado e morto. Ninguém percorre o longo caminho até se tornar um mártir sem um propósito ativo, um motivo igualitário, um amor incandescente. Se você supuser uma nação de homens que se elevaram ao pico do cultivo moral, a ponto de não

declarar guerra ou portar armas, pois não restou tanta loucura em seus cérebros, você terá uma nação de amantes, de benfeitores, de homens honestos, grandiosos e hábeis. Deixe-me saber mais sobre essa nação, descobrirei neles homens de amor, honra e verdade; homens de um engenho extremo. Homens cuja influência é sentida até o fim do mundo, homens cujas próprias aparência e voz transmitem a sentença da honra e da vergonha, e todas as forças se dobram à sua energia e persuasão. Sempre que vemos a doutrina da paz ser abraçada por uma nação, podemos estar certos de que ela não se abrirá à injúria, mas, pelo contrário, terá um amigo no fundo do coração de cada homem, mesmo os violentos e abjetos. Será um homem contra o qual arma alguma poderá triunfar, alguém que é visto como o abrigo da raça humana, e carrega consigo as lágrimas e as bênçãos do gênero humano.

Em segundo lugar, na medida em que dizem respeito à ação individual em casos difíceis e extremos, direi que tais casos ocorrem raramente ou nunca ao homem bom e justo, e nem tomamos o cuidado de dizer, ou mesmo de saber, o que se deve fazer em tais crises. Um sábio jamais irá penhorar seu ser e sua ação futuros, ou decidirá de antemão o que fazer em um evento extremo qualquer. A natureza e Deus o instruirão nessa hora.

Surge naturalmente a questão: como essa nova aspiração da mente humana deve ser tornada visível e real? Como ela deve passar dos pensamentos às coisas?

Em primeiro lugar, certamente, não *por meio de uma rotina e de meras formalidades* – o universal específico da política moderna –, não pela organização de uma sociedade, ou seguindo-se uma série de resoluções e manifestos públicos, sendo, assim, aceito formalmente pelo público e pela civilidade dos jornais. Já jogamos esse jogo até ele se tornar tedioso. Em algumas das nossas cidades, duelistas conhecidos são escolhidos como presidentes e oficiais de sociedades antiduelistas. Homens que amam aquela vaidade inflada que se denomina opinião pública acham que tudo está bem se fazem suas arengas passarem por uma série suficiente de falas e exaltações, em uma, duas ou três reuniões públicas. Como se *eles* pudessem fazer qualquer coisa, eles votam e votam, gritam “hurrah” de ambos os lados, ninguém é responsável, ninguém se importa minimamente. Na estação seguinte, há uma guerra na Índia, ou uma agressão contra o nosso comércio por parte dos Malásios, ou o partido em que esse homem vota tem uma moção para ser levada ao Congresso; instantaneamente ele volta sua cabeça para o outro lado e grita: devastação e guerra!

Esse projeto não deve ser levado a cabo pela opinião pública, mas pela opinião privada, pela convicção privada, pelo amor privado, caro e determinado. Pois a única esperança para essa causa está na visão ampliada, e isso deve ser alcançado pelo ensino

espontâneo, por parte da alma cultivada, em sua experiência e sua meditação secretas, de que este é o tempo em que ela deve passar do estado de animal para o estado de homem, ouvir a voz de Deus, que conclama os diabos que rasgaram e dilaceraram o homem a sair dele, e deixá-lo recompor-se e seguir em frente com seus pensamentos em ordem.

Além disso, o princípio da paz não deve ser posto em execução pelo medo. Ele jamais poderá ser defendido, jamais poderá ser executado, por covardes. Tudo que é grandioso deve ser feito com o espírito de grandeza. A virilidade que esteve na guerra deve ser transferida para a causa da paz antes que a guerra perca seu encanto, e a paz seja venerável para os homens.

A atratividade da guerra mostra uma coisa através das gargantas da artilharia, dos trovões de tantos sítios, do saque de cidades, das justas de cavalaria, do choque de hostes: a saber, a convicção universal, por parte dos homens, de que um homem deve, ele mesmo, se responsabilizar, com seus bens, sua saúde e sua vida, por seu comportamento; de que ele não deve pedir a proteção do Estado; não deve pedir nada ao Estado; deve ser ele próprio um reino e um Estado; não temendo nenhum outro homem. Deve estar bastante disposto a usar as oportunidades e as vantagens que o bom governo puser em seu caminho, mas não ficar nem um pouco intimidado, nem ficar realmente mais pobre, se o governo, a lei e a ordem afundarem; porque nele mesmo residem infinitos recursos, porque ele está seguro de si mesmo, e nunca precisa perguntar a outrem o que lhe compete fazer em qualquer crise.

O que constitui, para nós, a atratividade dos heróis gregos? Dos Romanos? O que constitui a atratividade do estilo de vida romântico que é o material de dez mil peças e romances, de Shakespeare¹⁰ a Scott¹¹; o barão feudal, o francês, a nobreza inglesa, os Warwicks, os Plantagenetas? É sua absoluta dependência apenas de si mesmos. Não me espanto com o desgosto que alguns amigos da paz expressaram por Shakespeare. O maior camponês ou jacobino é incapaz de resistir à influência do estilo e das maneiras desses lordes arrogantes. Somos afetados, do mesmo modo que garotos e bárbaros, pela aparência de alguns cavalheiros ricos e voluntariosos que tomam sua honra sob sua própria custódia, desafiando o mundo, tão confiantes que estão de sua coragem e sua força, e cuja aparência mostra tanta

¹⁰ William Shakespeare (1564-1616), dramaturgo inglês, famoso por tragédias como *Hamlet* e *Macbeth*, bem como por comédias como *Sonho de uma Noite de Verão* e *A Megera Domada*. Sua obra constituiu, sem a menor dúvida, um grande marco na literatura inglesa, e, a julgar pela repercussão que sua obra tem até os nossos dias e por comentários tais como o apresentado por Hegel em seus *Cursos de Estética*, também na dramaturgia mundial. [NT]

¹¹ Sir Walter Scott (1771-1832), escritor escocês, cuja obra mais conhecida é, provavelmente, *Ivanhoé*. [NT]
BJIR, Marília, v.1, n.2, p.341-355, Maio/Ago. 2012.

vida e tanta virtude. Em tempos perigosos eles são prontamente postos à prova e, portanto, seus nomes tornam-se semelhantes a um floreio de trompetes. Eles, ao menos, aparentam para nós ser uma realidade. Eles não são enganações, mas sim a substância de que aquela época do mundo era feita. São verdadeiros heróis para seu tempo. Eles empreendem o que é, em suas mentes, o maior sacrifício. Para salvar um mundo injusto, eles colocarão em perigo toda a sua propriedade e toda a sua riqueza, e irão ao campo de batalha. Tire deles aquele princípio de responsabilidade e eles se tornam piratas e rufiões.

Essa autossuficiência é o encanto da guerra, pois é essencial para a nossa ideia de homem. Mas uma outra era está chegando, uma religião e uma ética mais verdadeiras se desvelam, e o homem se coloca sob o domínio de princípios. Eu o vejo como o servo da verdade, do amor e da liberdade, e impossível de ser movido pelas vagas da multidão. O homem de princípios, isto é, o homem que, sem qualquer floreio de trompetes, títulos de nobreza ou fileira de guardas, sem qualquer reconhecimento por suas ações no estrangeiro, e sem esperar nenhum, dá sozinho os passos certos de maneira uniforme, por sua escolha privada, e, desdenhando as consequências, não cede, em minha imaginação, a homem algum. Ele está disposto a ser enforcado em seus próprios portões antes de consentir em abrir mão de sua liberdade ou em suprimir sua convicção. Não considero mais os homens que esbravejavam em meu ouvido. Esse é um barão de uma nobreza melhor e de estômago mais forte.

A causa da paz não é a causa da covardia. Caso se procure defender ou preservar a paz visando à segurança dos luxuriosos e dos tímidos, ela será uma enganação, e a paz será vil. A guerra é melhor, e a paz será quebrada. Se a paz dever ser mantida, deve ser por homens bravos, que se elevem tanto quanto o herói, mais especificamente, que se disponham a tomar suas vidas em suas próprias mãos, e arriscá-las a qualquer instante pelos seus princípios, mas que tenham ido um passo além do herói, e não busquem tomar a vida de outrem – homens que tenham, por um lampejo intelectual, ou então por sua elevação moral, atingido uma percepção tal de seu próprio valor intrínseco que não considerem suas propriedades ou seus próprios corpos um bem que mereça ser salvo por meio de um abandono de princípios, tal como seria tratar homens como ovelhas.

Se o grito universal pela reforma de tantos abusos inveterados, com o qual a sociedade ecoa – se o desejo de uma classe maior de jovens por uma fé e uma esperança, intelectual e religiosa, tais como eles ainda não encontraram, for um sinal em que se deve confiar; se a disposição para se apoiar mais, tanto no que diz respeito ao estudo quanto à ação, em riquezas

inexploradas da constituição humana; se a busca das leis morais sublimes e das fontes de esperança e confiança no homem, e não nos livros, no presente, e não no passado, prosseguir; se as gerações vindouras puderem ser incitadas a considerar indigno aninhar-se em qualquer abominação do passado, e a sentir os desafios generosos da austeridade e da virtude, então a guerra terá uma sobrevida curta, e o sangue humano cessará de escorrer.

Não é de grande importância perguntar de que maneira, ou por meio de quais órgãos, esse propósito de misericórdia e santidade será efetuado. A proposição do Congresso das Nações é, sem dúvida, aquilo para que a constituição atual de nossa sociedade e o curso presente dos eventos apontam. Mas a mente, uma vez que estiver preparada para o reino dos princípios, encontrará facilmente modos de expressar sua vontade. O lugar e o tempo em que essa empreitada começou são os mais apropriados. Essa semente de benevolência é depositada nos sulcos não de um canto escuro, não de uma Europa feudal, não de uma propriedade antiquada em que não se pode dar um passo sem que haja uma rebelião, com lágrimas de esperança; mas desta vasta América de Deus e dos homens, na qual as florestas apenas agora começaram a cair e, quanto aos homens, a terra verde se abriu à inundação de emigrantes de todos os lugares onde havia opressão e culpa. Aqui, onde não uma família, não alguns homens, mas a humanidade dirá que o virá a ser; aqui perguntamo-nos: haverá Guerra ou haverá Paz?

Recebido em maio/2012;

Aprovado em julho/2012